



PILAR



Publicação da Igreja Católica em Duque de Caxias e São João de Meriti - RJ - Brasil

Ano 1 - Nº 3 - julho de 1990 - Cr\$ 10,00

LEIA NESTE NÚMERO:

2 *Palavra de Bispo: indignação e denúncia*

3 *Irmã Filomena paga com a morte, para que todos nós, como explica BETINHO, saibamos participar, participar mais!*

4 *A violência passou todos os limites, mas o povo começa a se organizar*

5/8 *PILAR NA VIDA DAS COMUNIDADES: oração mais viva, aniversários, leitura bíblica, reflexões, programação...*

9 *A história dos interesses e dos abusos se repete, mas sempre há quem está disposto a resistir e anunciar os valores do Reino*

10 *Luta pela terra (3º cap.) A ASPAS se renova nos ideais e na metodologia*



O Brasil jovem tem futuro? (leia pág.11)

11 *Notícias da Baixada e do Brasil*

12 *Notícias da América Latina e do mundo*

PRIMEIRAS REAÇÕES À VIOLÊNCIA



Alguns caminhos começam a se abrir na luta popular organizada contra a VIOLÊNCIA. Se a organização contra a VIDA é maior e melhor arquitetada, só resta o caminho de uma maior participação de todos, superando o medo que reforça a omissão que, por sua vez, reforça o sistema injusto e violento. E o assassinato de irmã Filomena veio para incentivar a coragem e o compromisso. Leia nas páginas 2, 3, 4, 9 e 11.

O encontro que começa agora

João Munari

Lembrei-me de Belém: um lugar insignificante da Palestina, esquecido pelos centros de poder e de decisão. Na história subversiva de Deus, Belém virou centro e capital do mundo construído para levantar os pequenos, confundindo os sábios e grandes da terra.

Há um ano atrás, Caxias também virou Belém. Conhecida como a cidade da rejeição, lugar do medo e da impunidade, pela graça de Deus Duque de Caxias foi escolhida para acolher a inestimável riqueza de uma Igreja nova, livre de tradições e estruturas, comprometida apenas com a comunhão, com a vida, com a verdade do Evangelho, com a liberdade do Espírito.

Somaram quase 2.000 as pessoas que acolhemos. Abrimos-lhes as portas de nossas casas. Havia bispos e cardeais entre os convidados, mas eles quase passaram despercebidos porque, nesses dias, a simplicidade do encontro fraterno nos levou a esquecer títulos e cerimoniais para deixar transpa-

recer apenas a igualdade da fé e a alegria da comunhão.

A nós coube a tarefa de acolher os visitantes. Soubemos fazê-lo com simplicidade e competência. Sabemos que cada pessoa, que veio a Caxias, voltou mais forte e animada para sua comunidade de origem.

Depois que todos se foram, tive a sensação de que aqui algo ficou. A Caxias, antes que a outros lugares, foram dados alguns recados. A nós, primeiro, alguns desafios foram lançados. Lembro a insistência com que se afirmou que ser Igreja de comunidades significa deixar que o Espírito faça de todos nós ministros e servidores do Evangelho: homens e mulheres que, independente da cor e da cultura, resgatando a força da palavra, proclamem com força a Boa-Nova do Reino. De quem sofre perseguição ouvimos o recado que a comunidade só existe pa-

ra ser sal e fermento de transformação, mesmo que o testemunho seja difícil e a nossa fragilidade seja grande.

Sobraram desafios: os evangélicos nos disseram que o "novo", a ser assumido pelas comunidades, é a capacidade de caminhar de forma ecumênica, esquecendo os séculos de desunião e de agressão recíproca. Índios, negros e mulheres lembraram que a comunidade deve ser também lugar de resgate de tudo que foi massacrado em séculos de dominação e discriminação.

De todos os países da América Latina os pequenos, que se reúnem em torno da Palavra e do pão partilhado, solicitaram que se marchasse de mãos dadas, vencendo diferenças e barreiras e proclamando, de forma concreta e assustadora, a instauração do Reino da fraternidade universal.

Belém-Caxias: houve uma estrela apontando o caminho. Lembrando o 7º Encontro, percebo que para nós ele deve começar agora.

4 PÁGINAS A MAIS!

Em primeiro lugar, não estranhem se PILAR, desta vez, traz muitas matérias sobre violência: não é para aumentar o medo! Pelo contrário, é para informar que começa a existir uma reação organizada à violência e ao medo!

PILAR já sentiu a necessidade de aumentar suas páginas; de 8 para 12, para dar assim maior espaço à vida e aos passos de caminhada das comunidades de toda a diocese e, também, para oferecer mais notícias do Brasil, da América Latina e do mundo.

Isto está acontecendo porque de muitas partes da diocese está sendo percebida a importância deste veículo de informação e de espaço de trabalho e de luta. As coisas não acontecem desligadas ou por acaso; e os cristãos, conscientes de sua missão de fazê-las acontecer dentro da inspiração do Evangelho e com a força do Espírito, não perdem a oportunidade para oferecer e pedir o apoio dos companheiros, numa caminhada que se apresenta cada vez mais atormentada e merecedora de união e de mútua ajuda.

A todos e a cada um, então, é repetido o convite: sirvam-se de PILAR como de um instrumento seu ao encontro dos companheiros e dos irmãos. Se tudo nos leva a pensar que nuvens mais escuras ameaçam despejar mais tempestade em cima da vida dos brasileiros, vamos fazer também de PILAR um veículo de esperança e de certeza da chegada de merecida bonança, anunciando e garantindo pescarias abundantes.

Lino Cordero

PILAR

Publicação da Igreja Católica em Duque de Caxias e S. João de Meriti - RJ - Brasil

Diretor: Lino Cordero

Editor: Coordenação Diocesana de Pastoral

Redação: Secretariado Diocesano de Pastoral

Proprietário: ASPAS - Ação Social Paulo VI

(Diocese de Duque de Caxias)

C.G.C./MF: 28.756.146/0001-80

Reg. no CNSS: proc. 219.634/75

Decr. Util. Públ. Fed. n. 90564 de 27/11/84

Util. Públ. Estad. Lei n. 1468 de 24/05/89

Endereço: Av. Presidente Kennedy, 1861

25020 DUQUE DE CAXIAS RJ Brasil

Fone: (021) 771.9444

Diretor Responsável: Luiz Walter de Souza

Diagramação: Jorge Custódio

Composição e Arte: Revista Sem Fronteiras - São Paulo, SP.

Impressão: Gráfica Editora Jornal do Comércio S/A - Rua do Livramento, 189/4 - Rio, RJ - Fone: 253-2871

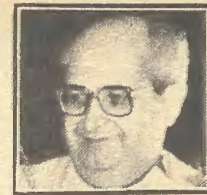
Assinatura anual: - pelo correio: Cr\$ 200,00

- entrega direta: Cr\$ 150,00

Exemplar avulso: Cr\$ 10,00

Palavra de Bispo

Guerra na Baixada Fluminense: indignação e denúncia



Como ser humano, cristão e pastor, através de nosso pequeno PILAR de comunicação, diante do Deus da Vida e dos povos do mundo, denuncio a guerra civil e policial que atemoriza, devasta e esmaga a Baixada Fluminense, na República Federativa do Brasil.

Dados obtidos em recurso da Promotora da 4ª Vara Criminal da Comarca de Duque de Caxias, dra. Tânia Maria Salles Moreira, revelam que 919 pessoas foram assassinadas em nosso município, em 1989. Além dos requintes de perversidade que acompanham as execuções, como mutilação de cadáveres, verifica-se que o crime é acobertado e fortalecido pela impunidade. Apenas 301 homicídios têm autoria conhecida ou réus indiciados.

Atendendo solicitação daquela promotoria, as autoridades policiais das delegacias do município forneceram os dados da safra da guerra.

A área geográfica do município abrange 500 quilômetros quadrados. A população soma aproximadamente um milhão de pessoas, considerando-se que são mais de 400.000 os "cidadãos" registrados na Justiça Eleitoral. Mais de 60 por cento da população é de raça negra, herdeira de 300 anos de escravidão e 100 de cinismo republicano. Além do povo negro, a Baixada Fluminense foi o espaço reservado aos "sem-terra" mineiros, capixabas e nordestinos, vítimas do milagre brasileiro, isto é, do modelo econômico concentrador de capital e de terra (prisioneira do capital). O processo violento de concentração de riquezas e de marginalização gerou esse campo de concentração de miséria, ou seja, a Baixada Fluminense. Neste vale de lágrimas, brasileiras e brasileiros, despossuídos e descamisados, acampam entre valões fétidos condenados à morte pela fome, indigência, peste e guerra de extermínio.

De forma paradoxal, a Cidade Maravilhosa não se explica nem funciona sem a servidão dos favelados de seus morros ou dos alagados da Baixada. Ao mesmo tempo, vive atormentada e em sobresaltos, coroada e cercada por tanta indigência.

Segurança é prioridade dos que nos governam.

Extermínio é a solução encontrada para conter a ameaça da miséria.

A existência dos grupos de extermínio não é calúnia dos "comunistas do bispado", mas terrível realidade comprovada pela Anistia Internacional e por órgãos da imprensa brasileira, como o "Jornal do Brasil".

A convivência ou a participação de policiais na guerra de extermínio também não é invenção da "Igreja progressista", mas uma aberração criminosa que solapa as próprias instituições do Estado.

Seqüestros e execuções na Baixada Fluminense não ocupam espaços nos noticiários da TV, do Rádio ou dos grandes jornais, exceto como propaganda subliminar em favor da pena de morte.

Todos somos atingidos por essa guerra infame. A paralisia do medo, o torpor da consciência, a omissão e a convivência desagregam a sociedade e destroem nossa própria humanidade.

Invasão de choupanas e casebres, seqüestros e extermínio, na Baixada Fluminense, ameaçam a ordem e o progresso da República Federativa do Brasil. Por sinal, não há fortaleza que resista à pressão e ao poder destruidor da miséria.

Nesta noite junina, enquanto as fogueiras crepitam e se dança a quadrilha, contemplo com horror as cenas macabras de crianças brincando e saltando sobre corpos baleados e mutilados. Não celebram São João. Festejam o Brasil novo, colorido de sarcasmo e de cinismo. A nação finge ignorar que atingimos o fundo do poço da degradação humana. Ao som da música "raspadinha e trombadinha", agitando camisas ensopadas de sangue, os agentes da morte dançam a quadrilha da ordem e do progresso no campo de extermínio engalanado com bandeirinhas verde-amarelas.

Na cruz, em agonia, ouviu-se um grande grito: "Pai, em Tuas mãos, entrego o meu espírito!"

Dom Mauro Morelli
23 de junho de 1990

Carta dos Leitores

Armas e mais armas

Lendo a matéria "Prioridade Militar" em Pilar nº 1, percebi que no Brasil o sonho da força armada faz tomar decisões como estas: a Vigorelli, fabricante de máquinas de costura, passou a fabricar metralhadoras; a Singer, além de agulhas, fabrica cartuchos; a General Electric, produtora de locomotivas e geradores elétricos, passou a fabricar também ligas para mísseis e foguetes; a Bernardini passou a fabricar, além de cofres-fortes, tanques e blindados; a Engesa, que construiu tração de 4 rodas e peças para a Petrobrás, agora produz também carros de combates; a Avibrás, mísseis e lançadores de mísseis...

Talvez vale a pena lembrar alguns números: o preço de uma fragata corresponde ao preço de 50 mil casas populares. O projeto do avião AMX custou o dinheiro suficiente para asfaltos 3.300 km de estradas; o preço de um AMX serve para construir 7 hospitais bem equipados, com 70 leitos. Um tanque pesado Osório custa quanto 80 ônibus para transporte urbano...

Amigos da paz, esperamos que o nosso Presidente, em fato de armamento, fique satisfeito com o seu título de "faixa preta"! (Mauro Negrette Garcia OFM - D. de Caxias RJ).

500 anos de Evangelização

Eu proponho a PILAR que nos ajude a aprofundar a questão dos 500 anos de Evangelização da América Latina. O que foram estes 500 anos e o que significa a celebração deste acontecimento. Trata-se de um assunto, bastante desconhecido em nossas comunidades, mas que nos atinge diretamente.

E, também, o que é o Projeto LUMEM 2000? Quem o financia? Quais prejuízos pode trazer para a Igreja no Brasil?

Conto com a colaboração de PILAR, que quer ser um raio de sol em nossa caminhada. (Janete, Eden, S.J. De Meriti RJ).

R - Sem dúvida, PILAR tratará desses assuntos. Aguarde!

Não só nas comunidades

PILAR é um bom jornal: traz assuntos atuais, que a Igreja deve sempre abordar. A forma, que encontramos para o povo ler, é refletir seus temas nas reuniões de comunidade.

Será que PILAR não poderia estar à venda nos jornaleiros?

Também deveria ser vendido nas associações. (Comunidade da Matriz - S. João de Meriti RJ).

R - Estamos pensando na possibilidade de colocar PILAR à venda nas bancas.

Pedimos a todos que nos enviem nomes e endereços de entidades, que deveriam receber PILAR. Obrigado.

Tristeza e alegria

O resultado da partida Brasil vs. Argentina, na Copa do Mundo, me deixou feliz pelo povo argentino, mas não pelo presidente Meném. Deixou-me igualmente feliz, não pelo povo brasileiro, mas pelo presidente Collor que, com sua equipe, aproveitaria da eventual euforia de uma vitória do time brasileiro para aumentar os golpes políticos e econômicos no bolso do povo. (Sebastião da Silva, Duque de Caxias RJ).

Envie suas cartas com opiniões, críticas e sugestões para:
PILAR - Av. Pres. Kennedy, 1.861 - 25020 DUQUE DE CAXIAS, RJ
PILAR - Caixa Postal 80.927 - 25061 VILA SÃO LUIZ DC RJ

Na noite de 7 para 8 de maio, irmã Filomena Lopes Filho, freira brasileira de 44 anos, foi assassinada em seu carro e abandonada em Babi, região do novo município de Belford Roxo, RJ. Por quem? Por quê?

Um preço a ser pago

Professora no IESA (Instituto de Educação Santo Antônio), em Nova Iguaçu, Filomena passava, desde 1986, todas as tardes-noites e fins-de-semana na favela da Viga, às margens do rio Bota, relativamente perto do centro da cidade. Pouco antes das 6 da tarde de quinta-feira dia 7 de maio, a irmã terminou a reunião na favela para chegar no colégio e participar da missa... Mas só foi encontrada na madrugada seguinte, numa região em direção oposta ao colégio, morta dentro de seu carro, com um tiro na cabeça.

A favela da Viga

Após as chuvas desastrosas de fevereiro de 1988, muitíssimas famílias desabrigadas voltaram a construir seus barracos às margens do rio Bota, continuando expostas às enchentes, à erosão e a todas as conseqüências de uma água totalmente poluída. Irmã Filomena se tornou companheira deste povo e, dentro de um contínuo caminhar de conscientização, organização e solidariedade, com o apoio da Diocese através da Cáritas, acompanhou este povo na construção de novas casas. Em regime de mutirão, já haviam sido levantadas mais de 150 casas, uma creche e o salão comunitário.

Ultimamente, estava para ser assinado um convênio entre o Estado de Rio de Janeiro, através da Secretaria de Assuntos Fundiários, e a Diocese de Nova Iguaçu através da Cáritas e do IESA, representado por irmã Filomena, no sentido de construir mais 100 moradias populares para a transferência das famílias ribeirinhas. Esta transferência ia permitir que o Estado, através da SERLA (uma secretaria encarregada da dragagem de rios, lagos e canais), realizasse o trabalho de dragar e limpar os rios e canais daquela região.

O preço da vida

Irmã Filomena era uma pessoa de formação religiosa, muito bem preparada para lidar com as pessoas. Era tranquila e organizada; paciente, persistente e compreensiva. Sabia trabalhar em conjunto com outras pessoas, que ela vinha despertando para o engajamento comunitário. Sabia incentivar o povo para muitas reuniões, onde os envolvidos podiam discutir, escolher e assumir tarefas, para depois gerenciar o trabalho em mutirão de suas novas casas.

Este trabalho junto ao povo, sobretudo junto a um povo destruído, requer muito amor, uma doação muito profunda. Este trabalho de libertação do povo requer também um preço a ser pago. Irmã Filomena o pagou com a própria vida.



Irmã Filomena (nas 2 fotos): amiga dos pobres e das crianças; ensinando e trabalhando com eles.

Quem matou?

Quem matou Filomena? Por qual motivo?

Antes de tudo, existe a esperança de que a polícia, que instaurou o costumeiro rigoroso inquérito, não chegue depressa a apontar a morte de Filomena como mais um mero caso de crime de autoria desconhecida.

O trabalho da irmã Filomena era incômodo para projetos e interesses de pessoas e grupos, que não estão dispostos a engolir interferências além dos limites, que eles mesmos marcam. Por detrás da morte da irmã, é possível, então, traçar um perfil de uma sociedade, em que quadrilhas organizadas, ligadas ao tráfico de drogas, agem com rapidez e na mais absoluta impunidade.

É possível enxergar ainda os interesses da especulação imobiliária. A região, onde irmã Filomena procurava espaços para construir mais casas populares, podia estar na mira de uma construtora qualquer para projetos imobiliários, hoje ainda baratos, mas de rápida valorização, por estarem relativamente perto do centro de Nova Iguaçu.

E, por último, é preciso reconhecer que dentro do próprio povo a aprendizagem da discussão, da solidariedade e da democracia é um processo lento e difícil. Quem sabe algum morador da favela não tenha ficado com raiva de Filomena por não ter conseguido com ela o que só podia ser distribuído com critérios de solidariedade?!

Um voto

Irmã Filomena era brasileira, natural de S. Miguel do Anta, em Minas Gerais. Desde 1979 havia ingressado na Congregação das Franciscanas da Imaculada Conceição. Tinha 44 anos. O voto de todos aqueles que sonham, lutam e rezam por um Brasil novo é o de que o preço pago por Filomena intensifique a caminhada de libertação do povo e aumente o número de quem se deixa envolver na luta pela vida e pela justiça, como ela se engajou. (Lincor)

Conjuntura

Herbert de Souza

Os 100 dias de Collor

A marca fundamental dos 100 dias do Governo Collor foi a exibição de um modo autoritário de governar. Eleito por pequena diferença, numa campanha marcada pela falta de ética, Collor se imaginou com o direito de ignorar toda e qualquer vontade que não fosse a sua. Baixou um plano truculento de combate à inflação, que ignorava os princípios elementares do direito e da nova Constituição. Em qualquer outro país sério do mundo teria sido deposto pelo Congresso 24 horas depois! Aqui ele virou herói da mídia e de uma centena de economistas encantados com o poder absoluto da economia sobre a sociedade, do autoritarismo sobre a democracia.

A partir deste ato de força, Collor continuou a baixar decretos e leis, que tinham que ser revistos depois por atentarem contra a Constituição. Mas se viu contido pelo Supremo Tribunal Federal que, por unanimidade, deu um basta às suas tentativas de ignorar o Congresso e estabelecer a ditadura do executivo.

O programa do Governo, nos primeiros 100 dias, se resumiu a combater a inflação com um único tiro, provocar uma grande recessão, desarticulando a administração através da promessa de demitir 360 mil funcionários públicos e realizar alguns atos voltados aos descamisados, como o anúncio da construção de 200 mil casas e o chamado Ministério da Criança. A construção de casas populares é um assunto muito conhecido no Brasil, por beneficiar mais as empresas que constroem do que os moradores que têm a "sorte" de acabar vivendo em casas de 40 metros quadrados. O Ministério da Criança é um aglomerado de programas que já vinham sendo tocados desde o Governo Sarney e que agora passam por um plano de salvação dos filhos de milhões de desempregados pela mesma política do mesmo governo, que desemprega os pais e assiste os filhos.

Depois de negar de pé junto que a inflação existia, que a recessão viria e de afirmar que os trabalhadores só haviam ganhado com o Plano, o Governo diz que uma inflação de 10% ao mês é um sucesso, que a recessão pode vir se a inflação voltar e que os trabalhadores tiveram perdas no pré-plano, como se o passado das perdas não passasse no presente de cada um.

O Plano mostra, finalmente, sua verdadeira cara: combateu a inflação para estabilizar a economia em benefício do grande capital; produziu uma grande perda salarial para os trabalhadores; atingiu fortemente as pequenas e médias empresas, que não têm recursos para sobreviver à recessão; desorganizou a já desmoralizada administração pública federal.

O resultado desse desastre transparece, apesar de toda a cobertura da mídia ao Governo, nas pesquisas de opinião publicadas recentemente. Segundo o *Data Folha*, a popularidade de Collor despencou para a casa dos 36%. Também sabemos como isso funciona; essa foi a trilha de Sarney depois do fracasso do Plano Cruzado.

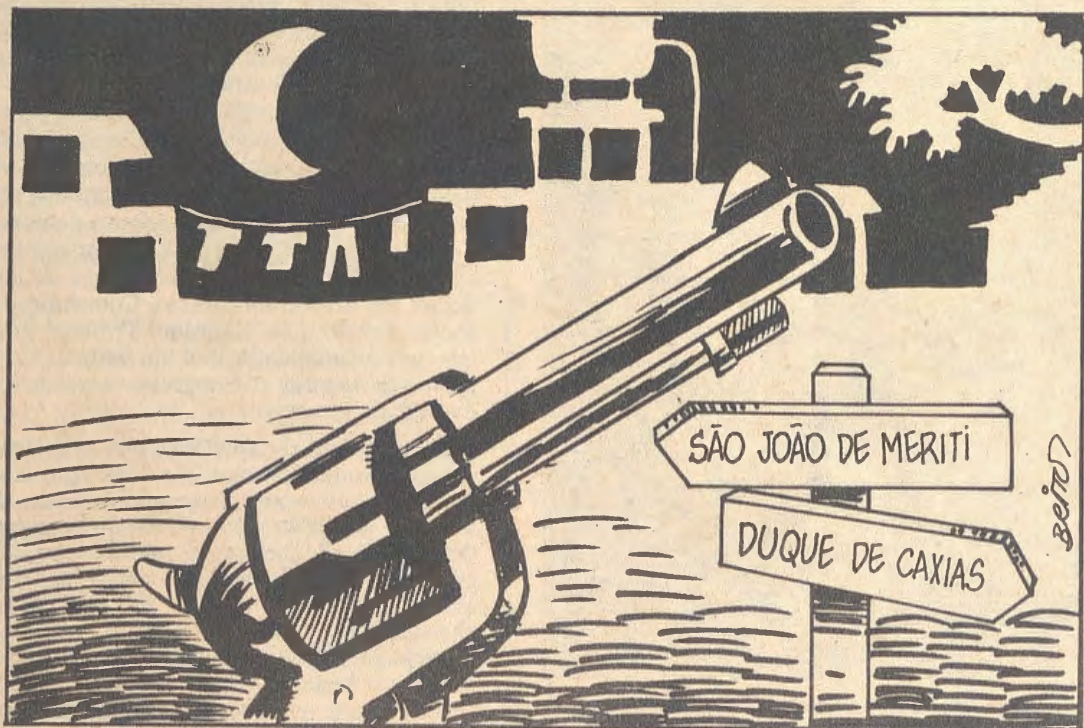
Frente a esta crise do Governo e à reanimação crescente dos movimentos populares, que se manifestam por todas as partes, fica de novo colocada a questão: a solução dos problemas do desenvolvimento, da miséria, da justiça social se encontra na mobilização e participação da sociedade e não na ação solitária, autoritária e salvadora do poder. O único pacto que pode nos levar à democracia será aquele produzido a partir da própria sociedade, que indique o papel e o limite da ação do Estado e que vise atender aos interesses e necessidades fundamentais da maioria.

As eleições de outubro se aproximam para ampliar e materializar essa possibilidade de mudança que só ocorre com participação e muita participação.

Violência: até quando?

Os números da violência e o terror, que se espalha cada vez mais, já são conhecidos pelos habitantes de Caxias e de toda a Baixada Fluminense. Mas agora algo de novo começa a nascer. O povo se organiza para se opor à violência.

Frei EVARISTO *



Hoje, 17 de maio de 1990, recebi um bilhete de uma liderança de comunidade que expressa bem a realidade de insegurança e pavor em que vive o povo da Baixada:

"...Gostaria de conversar com você, mas está impossível. Quero lhe dizer que a barra aqui (*menciona o local*) está um horror. Por isso, à noite não conte comigo para reuniões do CEBI, Escolinha Bíblica, cursos e reuniões. E... (*cita o nome de uma companheira*) só vai se eu for. Até de dia faz medo. Estão matando e roubando casas em pleno dia. As famílias, que podem, estão mudando e as que não podem estão vivendo apavoradas. É por isso que estou sumida. Entendeu?"

A pessoa, que trouxe o bilhete, citava o nome dos que foram assassinados, das famílias que abandonaram suas casas (havia conseguido um caminhão para a mudança), e contava que as crianças já nem estão indo mais para as aulas de medo.

Os números da violência

Verdadeira descrição de uma cena de guerra. E realmente estamos no centro do fogo de uma grande guerra, que mata mais gente do que em qualquer outra parte do mundo. Somente em 1989 foram assassinadas 919 pessoas no município de Caxias. Deste total a polícia não sabe a autoria de 618 homicídios e, por isso, nem chegou a abrir inquérito.

Estes números se tornam mais assustadores quando olhamos os últimos 5 ou 10 anos. Caxias tem 5 delegacias, sendo uma de mulheres. Na 59ª DP (Centro), nos últimos 5 anos, foram registrados 1571 homicídios, dos quais 1401, ou seja praticamente 90%, até agora não se sabe o autor. Na 62ª DP (Imbariê), nos últimos 5 anos foram registrados 521 homicídios. Destes, 492 (94%) continuam com autoria ignorada.

Quem mata?

A pergunta, que vem à cabeça de todos, é: "Quem está matando tanto assim?"

O *Jornal do Brasil* de 13 de abril de 1990 publicou uma reportagem, em que a polícia identifica 15 grupos

de extermínio e aponta 50 nomes de suspeitos no Estado do Rio de Janeiro. É importante ressaltar que, destes 15 grupos, 8 atuam em Caxias. Vale também lembrar que em 6 deles existem integrantes da Polícia Militar!

A reportagem, contudo, traz à tona apenas a ponta de um grande iceberg. O povo nos bairros conhece "outros grupos", "matadores anônimos", "guardas noturnos", etc. A situação se agrava com a constatação de que a prática da polícia leva a população a temê-la mais do que aos próprios bandidos.

Como fica a população?

Como ficam as pessoas diante de tudo isso? Todos se sentem debaixo da mira. E debaixo da mira ninguém pode reagir. Talvez por isso, a violência seja um tabu tão grande que até mesmo se evite falar sobre ela. Sempre pode haver alguém escutando. Mas os nomes e as fisio-nomias dos matadores são conhecidas.

Na cabeça da maioria o sistema já introjetou que a violência é algo normal. Assim como amanhã se vai para o trabalho, se vai almoçar, se vai pegar o trem sempre lotado, também é normal ver nas bancas o jornal *O POVO* com a descrição de 15, 20 ou 30 assassinatos. Ninguém se assusta mais. Diante do cadáver abandonado há dias na rua, já em estado de putrefação, alguns até perguntam: "Mas era bandido mesmo?" Se era, tudo está explicado. Aumenta a cada dia o menosprezo pelo valor da vida. Existem até aqueles que acham boa a presença dos matadores: "Enquanto tem um matador na área, tudo está tranquilo; os maus elementos não aparecem!". Mas isso só enquanto não atinge alguém da família.

Outros percebem a necessidade de uma mudança. Mas sempre foi assim; quem vai conseguir mudar? De que forma? E o perigo de "se mexer com essas coisas"? Pior ainda é a insegurança em que fica quem decide denunciar. Há poucos dias presenciei reconhecidos matadores do Município transitando livremente no Fórum e colocando-se à porta do gabinete do promotor, que interrogava uma testemunha de um crime de extermínio. Como interpretar este fato a não ser como uma pressão sobre a testemunha?

Deste modo perpetua-se a impunidade. Os grupos de extermínio funcionando como um poder paralelo, decidindo a vida e a morte da população. A polícia sendo cúmplice. O povo paralizado. O Poder Judiciário inerte. E os políticos utilizando o trampolim da violência para se lançar nos mais altos cargos e, logo em seguida, abandonar o mesmo povo que os elegeu.

O novo, que começa a surgir

Mas agora algo de novo começa a surgir. As Igrejas e o Movimento Popular organizado no Estado do Rio de Janeiro criaram o FORUM PERMANENTE CONTRA A VIOLÊNCIA. Este Fórum integra dioceses como a de Caxias, Volta Redonda, Nova Iguaçu e vários grupos de Direitos Humanos e outras entidades desses e de outros municípios do Estado.

Como objetivos, entre outros, o Fórum pretende:

a) Estabelecer uma sistemática e permanente pressão direta sobre as autoridades, como secretários, políticos e governador.

b) Reunir material para um amplo dossiê sobre a violência, a ser divulgado pela Anistia Internacional e outras entidades que lutam pelos direitos humanos.

c) Ajudar na criação de Conselhos Municipais de Direitos Humanos.

d) Atuar coletivamente junto aos juízes, promotores e defensores públicos, para garantir depoimentos e denúncias e para participar de modo conseqüente dos julgamentos.

e) Pressionar para a criação de uma Comissão Especial para apurar na Baixada Fluminense os crimes dos grupos de extermínio.

f) Organizar seminários, com participação popular, para discutir as razões da violência e o papel dos grupos institucionais ou não, através dos quais ela se manifesta.

Organização em Caxias

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos João Cândido, membro do Fórum Permanente contra a violência, e várias entidades do Movimento Popular de Caxias, como MUB, Conselho Comunitário de Saúde, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, CEPESA, Pastoral do Menor, Agentes de Pastoral Negros e outros promoveram no passado dia 20 de abril um encontro com representantes dos juízes, promotores e defensores públicos, que atuam nesta Comarca, e o Comandante da Polícia Militar, para discutir o problema da violência.

Como desdobramento deste encontro, no dia 18 de junho foi realizada no prédio ao lado da Catedral de Santo Antônio, uma reunião destas e outras entidades com a Promotoria Pública para discutir especificamente os grupos de extermínio na Baixada. Já se está programando, também, um Seminário sobre Violência e Saúde, com assessoria do Centro Latino-Americano de Saúde e Violência para o mês de outubro.

Alguns caminhos começam a se abrir na luta popular organizada contra a violência. É certo que a organização contra a VIDA é maior e melhor arquitetada. Por isso, é necessária a sua participação. Não tenha medo. O medo reforça a omissão. A omissão reforça o sistema injusto e violento. Entre e reforce a luta.

* do Centro de Defesa dos Direitos Humanos "João Cândido."

PILAR

NA VIDA DAS COMUNIDADES

A Oração viva do Povo de Deus

Domingos Ormonde

No ano passado (1989), os Bispos do Brasil, reunidos em assembléia, aprovaram o documento chamado "Animação da Vida Litúrgica no Brasil". Vale a pena a gente conhecer e estudar em equipe esse documento.

Aqui vamos reproduzir uma parte desse documento, onde é oferecido um método muito bom de preparar as celebrações. São 4 passos que ajudam a preparar uma liturgia enraizada no Tempo Litúrgico, na vida do povo e na Palavra de Deus. Este método está nos números 220 a 228 do documento, que pode ser comprado nas Edições Paulinas.

COMO PREPARAR UMA CELEBRAÇÃO LITÚRGICA

1º passo: situar a celebração no Tempo Litúrgico e na vida da comunidade.

a) Situar a celebração no Tempo Litúrgico: ver o domingo e o Tempo Litúrgico. Por exemplo: IV Domingo de Páscoa, Evangelho do Bom Pastor. No início de um novo tempo litúrgico será útil aprofundar o sentido do Tempo, discutir algumas características próprias, que darão um estilo à sua celebração. Não se celebra do mesmo jeito na Quaresma e no Tempo Pascal.

b) Situar a celebração na vida da comunidade: auscultar os acontecimentos, que marcam a vida de nossa comunidade, que passaram ou que vêm: sociais, religiosos; do dia-a-dia, da comunidade, da região; nacionais e internacionais... Para enraizar a celebração no chão da vida, na história onde nos atinge o mistério de Cristo que celebramos, é bom ver a realidade que marca as nossas vidas.

c) Ver outros acontecimentos que marcam a celebração. Por exemplo: uma data especial, dia da Bíblia, mês de maio, dia das mães, aniversários, etc., marcarão a oração dos fiéis, o rito penitencial, a homilia.

d) Ver com quem se vai celebrar: o conhecimento da assembléia com as suas características próprias, sem esquecer os grupos minoritários, é importante, também, para situar a celebração no tempo e na história.

2º passo: Aprofundar as leituras. Neste segundo passo da preparação lêem-se os textos bíblicos à luz dos acontecimentos da vida e do mistério celebrado (1º passo). Convém iniciar pelo Evangelho, que é a leitura principal do mistério de Cristo celebrado; e, a seguir, a 1ª leitura, o salmo responsorial e a 2ª leitura.

Opera-se, então, o confronto entre a Palavra de Deus e a vida ajudado pela perguntas: o que dizem as leituras? o que significam para a nossa vida? como podem orientar o nosso agir? quais os desafios de nossa realidade hoje? como a Palavra de Deus ilumina a nossa realidade? como ligamos a Palavra com o mistério celebrado?



3º passo: Exercício de criatividade. À luz dos passos anteriores - vida de comunidade, Tempo Litúrgico, Palavra de Deus - procura-se, num exercício de criatividade, fazer surgir idéias, mesmo sem ordem, à maneira de uma tempestade mental. Selecionar depois as idéias a respeito dos ritos, símbolos, cantos, para os ritos de entrada, o ato penitencial, o gesto da paz, a proclamação das leituras, etc.

4º passo: Define-se primeiramente o tom da celebração, isto é, o estilo global que convém a uma Missa de Páscoa, ou de 7º dia, ou com crianças... A seguir, passando em revista as diversas partes da celebração, escolhem-se os cantos, os ritos, etc., para cada momento da mesma, registrando tudo numa folha-roteiro, que servirá de guia para os diversos ministros.

Aí também se distribuem as tarefas e os serviços; anotam-se coisas a fazer antes da celebração, como cartazes, ensaios, etc.; e também o que deve ser feito durante a celebração: não só o que fazer, mas quem o faz e quando.

PARA NÃO ESQUECER NESTE MÊS DE JULHO

02,03 e 05 de julho, na Matriz de S.João de Meriti, das 19,30 às 21 horas:

DEBATES SOBRE A SITUAÇÃO ATUAL DA IGREJA NO BRASIL E NO MUNDO.

Os encontros são para todas as comunidades.

09,10 e 11 de julho: o curso acima é repetido em Caxias, no Secretariado. Também das 19,30 às 21 horas.

15 de julho: Aniversário da Diocese. Ordenação sacerdotal de Theófilo e Sebastião.

A Igreja Católica em Duque de Caxias e São João de Meriti completa, em 12 de julho, 9 anos como diocese tendo, como seu 1º bispo, dom Mauro Morelli.

Alegria e gratidão; questionamentos e novos desafios; momento certo para algumas pessoas confirmarem, ou reconfirmarem, seu compromisso de pastorear o povo da Baixada.

9 anos

Neste mês de julho a Diocese de Duque de Caxias completa 9 anos de caminhada. Presente na realidade da Baixada Fluminense, pretendendo se tornar cada vez mais uma Igreja a serviço da vida e dos mais fracos, caminhando para ser uma Igreja de comunidades, onde reina a Comunhão e a Corresponsabilidade, ela reconhece (nós reconhecemos) que há muito a se fazer na missão evangelizadora e profética, que vem do Evangelho.

Ao completar 9 anos, como membros desta Igreja, temos muitos motivos para pedir perdão e nos converter, ao mesmo tempo que agradecemos ao Senhor Ressuscitado inúmeros dons e passos abençoados.

Nesta caminhada, ao buscarmos perceber o nosso rosto e jeito, em 1983, iniciamos o processo do Sínodo Diocesano, sem pressa de chegarmos a uma conclusão.

Através da preparação e da edição do documento "Caminhada para o Batismo e Missão da Igreja", tentamos definir as diretrizes de coordenação nos vários níveis de Igreja. Estamos refletindo sobre a Catequese. Realizamos várias romarias, vigílias e assembléias, buscando integrar nossas comunidades na oração e nos propósitos da ação.

Estamos iniciando a avaliação dos primeiros 10 anos.

Em 1989, fomos agraciados com a realização em Duque de Caxias do 7º Encontro Intereclesial das CEBs. Foi um momento extremamente forte em nossa Igreja: o Senhor nos visitou e nos questionou através da visita, da fé e do testemunho de irmãos de todo o Brasil, da América Latina e de outras partes do mundo.

No dia 15 de julho festejaremos o 9º aniversário da diocese e o 1º aniversário da realização do Encontro das CEBs. Neste dia a nossa alegria será ainda maior porque, além dos 6 já atuantes, mais 2 irmãos nossos, Theófilo e Sebastião, receberão, com a ordenação presbiteral, a missão de integrar-se ainda mais na luta eclesial para que o povo da Baixada veja a vida florescer em seu meio.

*** Theófilo e Sebastião entregaram a PILAR um depoimento sobre sua caminhada batismal rumo ao sacerdócio ordenado. Publicaremos no próximo número, para renovar o compromisso e o entusiasmo dos primeiros dias.

*** Padre Geraldo da Silva Bernardes, da Paróquia de Agostinho Porto, em S.João de Meriti, celebrou em 29/06/90 seu Jubileu de Prata Sacerdotal. Foi na igreja de Nossa Senhora da Glória, em Jardim Meriti.

*** Padre Rogério (Ruggero Ferrazzi), da Paróquia S.Sebastião, em Gramacho DC, celebra seu Jubileu de Prata Sacerdotal no domingo 08 de julho. Sacerdote da diocese de Pádua (Itália), está entre nós há mais de um ano, realizando com outros colegas italianos um intercâmbio eclesial, intercâmbio que será reconfirmado com a visita do Bispo de Pádua (leia em outra página).

A Geraldo, Rogério, Sebastião e Theófilo os parabéns de PILAR em nome de todos os leitores.

BISPO DE PÁDUA VISITA NOSSA DIOCESE

Nos dias 10 a 18 de julho, dom Antônio Mattiazzo, bispo de Pádua (Itália) visitará a nossa diocese. Por quê?

Ele virá para manifestar sua comunhão com dom Mauro, irmão no episcopado, por participarem da mesma e única missão confiada por Cristo Senhor aos apóstolos de apascentarem juntos o Povo de Deus.

A visita de dom Antônio servirá também para confirmar o compromisso de colaboração da Igreja de Pádua para com esta nossa Igreja, na presença, hoje, de seis padres e de quatro irmãs Filhas de Maria Imaculada.

Esta presença de serviço e de colaboração, solicitada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, iniciou em 1966 com um convênio assinado por dom Jerônimo Bortignon, então bispo de Pádua, e por dom Manoel Pedro de Cunha Cintra, bispo de Petrópolis, RJ, sob cuja jurisdição estavam as paróquias de Campos Elíseos, Gramacho, 25 de Agosto e Xerém, onde gradativamente vieram a exercer seu ministério pastoral os padres vindos de Pádua, juntamente com as irmãs Filhas de Maria Imaculada.

Este compromisso continuou quando foi criada a nova Diocese de Duque de Caxias, desmembrada de Petrópolis; continua e vai continuar à luz das novas reflexões teológicas sobre as Igrejas particulares.

Espera-se que este serviço e esta colaboração se tornem recíprocos, no sentido mais amplo da palavra, tendo uma presença de padres, leigos e irmãs desta Igreja de Caxias trabalhando naquela Igreja de Pádua. (Severino A.).

Mês da Bíblia

Na linha de reflexão e ação propostas pela Campanha da Fraternidade 1990, o mês de setembro - Mês da Bíblia - nos encontrará comprometidos a estudar o assunto "MULHER". A reflexão bíblica do mês de setembro vai focalizar alguns lindos cânticos de mulheres na Bíblia: Débora, Miriam, Ana e Maria.

Para que todas as comunidades possam se preparar e possam tirar grande proveito no próximo mês da Bíblia, haverá um curso, a nível diocesano, e cursos nos 3 regionais.

O curso a nível diocesano será nos dias 30 de julho a 3 de agosto, sempre às 14.30 horas, na Catedral de Santo Antônio.

Os cursos nos Regionais:

Regional Centro: de 30 de julho a 3 de agosto, às 19 horas, na Catedral de Santo Antônio.

Regional Periferia: 1 - em Santa Cruz, nos dias 30 de julho a 3 de agosto, às 19 horas.

2 - Em Imbariê, nos dias 11 e 12 de agosto.

Regional S.João: de 6 a 10 de agosto, na Matriz de S.João, às 19 horas.

Estes cursos serão animados pelas equipes do CEBI (Centro de Estudos Bíblicos). Neles haverá vagas para 3 pessoas de cada paróquia. Estas pessoas, por sua vez, irão repassar, cada qual em sua paróquia, o que aprenderam no curso.

Encontro diocesano de catequese

Catequistas de todas as comunidades, juntamente com a Coordenação Diocesana, o Secretariado e dom Mauro, estiveram reunidos, nos dias 29 e 30 de junho e 1º de julho, no São Bento. Foi um encontro importante, de profunda avaliação da caminhada da catequese.

No próximo PILAR informaremos com detalhes.

PILAR NA VIDA DAS COMUNIDADES

Lembrando a Vigília de Pentecostes

EMPURRADOS PARA FORA...

A Vigília de Pentecostes, a Romaria de 12 de outubro e a Assembléia Diocesana anual constituem os 3 momentos fortes da vida de nossa diocese. Na Vigília de Pentecostes, estando os agentes de todas as comunidades reunidos, foi revitalizado o anseio de contínua abertura ao Espírito, deixando-se renovar na esperança e na fidelidade a Cristo Senhor Ressuscitado.



"O Espírito do Senhor paira sobre nós". Este refrão marcou os vários momentos da noite de 2 para 3 de junho, quando mais de 600 representantes das comunidades da diocese estiveram reunidos na Catedral de Santo Antônio, em Duque de Caxias, pedindo e celebrando a vinda do Espírito Santo.

A vigília deste ano quis ser um momento de experiência do Espírito, uma ocasião para tomar consciência de que "o Espírito do Senhor paira sobre nós" com sua força criadora: um Espírito que inspira a súplica e o louvor dos momentos de oração, mas também anima a comunhão e alegria dos momentos de folga e

Igreja ministerial ou do mistério?

A Diocese de Duque de Caxias é dividida em 3 Regionais: S.João de Meriti, Centro de Duque de Caxias e Periferia. Cada Regional tem o seu Conselho Pastoral. A seguir publicamos uma reflexão-informe do Conselho do Regional Periferia, sobre a situação da área pastoral de Imbariê.

Em nosso último encontro do Regional Periferia, voltou à pauta um tema, que há muito tempo vem sendo refletido e debatido, mas nunca enfrentado de forma clara e franca. Trata-se da Área Pastoral de Imbariê, desmembrada há 3 anos da Paróquia de Parada Angélica, formada por 7 comunidades, animada pelo Conselho Pastoral e Administrativo, do qual fazem parte 3 Irmãos Catequistas, sem a presença constante de um padre como nas demais áreas pastorais.

Para sermos fiéis aos fatos, devemos dizer que padre tem, aliás até demais! Nestes 3 anos, por ali passaram cerca de 22 padres! Chegaram para celebrar missa, casamento, batizado e só. Chegam como que de paracaídas e passam adiante, pois seus lugares de pouso definitivo estão em outras áreas pastorais. O povo, cada

Nas fotos: dois momentos da Vigília...



de confraternização, suscita a participação de todos, o diálogo e a partilha nos trabalhos em grupos, a criatividade e a simplicidade das celebrações quase espontâneas dos Regionais.

Sobretudo, um Espírito que escancara as portas dos nossos medos e acomodações e nos empurra pra fora para testemunhar a todos a vida nova de Cristo. Por isso, as procissões marcaram a Vigília, para nos lembrar que o Espírito é força na nossa caminhada de Igreja.

Tivemos assim a procissão dos membros da Pastoral Operária e dos trabalhadores, carregando a cruz do sofrimento e das dificuldades, que eles estão vivendo; a procissão dos ministros das comunidades, trazendo a água do Batismo, água da vida e da esperança que as comunidades querem oferecer ao povo da Baixada; a procissão dos catequistas trazendo o Círio, a luz da fé que quer iluminar a nossa caminhada; a procissão dos representantes dos movimentos populares trazendo e queimando o incenso, para lembrar que o sacrifício, que Deus mais gosta, é o compromisso em favor da justiça; a procissão dos participantes do Curso de Teologia (Trairaponga), carregando a Palavra de Deus que queremos escutar, entender melhor e praticar; a procissão das mulheres, oferecendo a todos as margaridas da esperança, da ternura e da perseverança.

Finalmente, a grande procissão de todos, levando as velas acesas no fogo novo da Pentecostes, expressando o compromisso de ser a "luz do mundo".

Momento importante foi também a apresentação da nova coordenação diocesana (formada por 2 representantes de cada regional), que vai incentivar e orientar a caminhada eclesial de toda a diocese.

A vigília, que foi encerrada ao nascer do sol, foi assim uma parábola da vida da Igreja: o Espírito Santo nos mantém acordados e confiantes para atravessar a noite do desânimo e do desespero e caminhar, alimentados pela Palavra e pelo Pão, até ao "raiar do novo dia", rumo ao Reino de Vida para todos que Deus quer que construamos junto com Ele. (Mário A.).

vez mais, alimenta uma idéia de padre, que não condiz com a sua realidade.

Ao lado disto, muitos leigos estão assumindo os espaços que são necessários e vitais para o andamento e a caminhada da Igreja. Esta presença dos leigos na Igreja, porém, é vista por alguns fiéis e padres, pouco acostumados com as Comunidades Eclesiais de Base, como a "festa dos ratos na ausência do gato". Pensa-se na volta do "gato" para que tudo volte ao "normal".

De uma Igreja ministerial, de serviços, em que o leigo vai assumindo o seu batismo, estamos vendo uma Igreja envolvida em um grande mistério. Por que não trabalhar para que a Área Pastoral de Imbariê assumida cada vez mais a sua realidade ministerial, cabendo ao padre o seu papel de agente, que busca ao lado do povo a Igreja sinal do Reino de Deus? Não se trata de abolir a presença ou a figura do padre, mas sim colocar e valorizar o seu real trabalho junto ao povo. Não se trata de apenas chegar para rezar missa, mas estar com o povo para celebrar juntos a vida.

O ministério e serviço de todos os batizados, que formam a Igreja, é o que queremos e propomos, por coerência ao Evangelho e ao 7º Encontro das CEBs. Para sermos fiéis a esta Igreja de Comunhão e Participação, em Jesus Cristo, gostaríamos de ver desvendado e revelado o mistério, que envolve toda esta discussão. (Conselho do Regional Periferia).

PILAR inicia a publicação, em capítulos, de uma nova maneira de leitura da Bíblia, em linguagem popular. Cada povo possui seu jeito próprio de contar suas histórias e de transmitir suas mensagens, de acordo com o seu modo de pensar e seus conhecimentos. Assim foi contada, e depois escrita, grande parte da Bíblia. Quando alguém começou a contar como Deus criou o mundo (é o capítulo que apresentamos neste número), o povo hebreu estava abandonado e disperso no exílio...

Em todas as comunidades, muitos sentem e expressam o desejo de entender melhor a Bíblia. PILAR espera que alguém escreva dando sua opinião sobre este subsídio bíblico.

DEUS ESTAVA SUPERCONTENTE!

Tudo era deserto, solidão e tristeza. Ou, tudo era água, ameaça e medo. Sei lá! Uma escuridão danada! Não havia vida nem esperança. Reinava a desordem, o caos completo. O quadro era de arrepiar.

Foi, então, que Deus disse: "Haja luz!". E apareceu a luz, apareceu o dia. Um dia bem claro, separado da noite.

"Que coisa linda!", disse Deus, quando viu luz.

O povo no exílio

Deserto, solidão e tristeza. Muita escuridão, ameaça e medo.

Parece que este era o quadro da situação vivida pelo Povo de Deus naquela época, quando foi escrita a história da criação do mundo, do homem e da mulher, de todas as coisas que existem.

O povo estava no exílio da Babilônia: longe de sua terra, ameaçado de todos os lados, sem luz, sem vida, sem esperança.

De dentro desta situação, alguém pronuncia uma palavra de esperança, que faz o povo levantar novamente a cabeça. Uma palavra que vem da fé e que fala do amor e da força de Deus. Um Deus que vence as trevas e que cria um mundo maravilhoso, colocando todas as coisas em seu devido lugar. Um Deus que ama este mundo e que abençoa as suas criaturas. Um Deus apaixonado, que faz novas as coisas velhas, colocando a bênção no lugar da maldição.

Ao ouvir esta mensagem da criação do mundo, o povo podia novamente respirar aliviado, cheio de esperança: "Ah, que bom ouvir essas coisas! Que lindo ouvir falar de luz, de bênção, de vida e de alegria para todos!"

Luz para cá, trevas para lá

De um jeito muito simples, mas cheio de imaginação e beleza, a história conta o seguinte:

Luz para cá, trevas para lá. A luz recebeu o nome de "dia", e à escuridão Deus chamou de "noite". Este foi o primeiro dia.

No segundo dia, Deus fez o firmamento, o céu azul onde Ele, depois, colocaria as estrelas, o sol e a lua. No dia seguinte, foi a vez de criar a terra,



separada das águas dos mares e oceanos. Deus encheu a terra de plantas e de ervas, uma diferente da outra, cada qual com sua semente.

Depois disso, no quarto dia, Deus resolveu enfeitar o firmamento: criou uma porção de estrelas, criou o sol e a lua. O sol seria o dono do dia. A lua seria a dona da noite.

"Que beleza!", pensou Deus. Ele estava gostando muito do que estava fazendo.

No quinto dia, foi a vez de criar tudo o que existe nas águas dos mares: todos os peixes, os pequenos e os grandes, as baleias e o tubarão, uma quantidade enorme de seres vivos. No mesmo dia, foram criadas as aves que voam nos ares, que cantam e gritam, cada uma mais bonita que a outra. Deus deu uma bênção a todos esses seres e mandou que eles se multiplicassem e enfeitassem tudo.

No sexto dia... Bem, primeiro, Deus resolveu ainda criar uma porção de seres vivos, que andam pela terra. Criou os diferentes animais: animais domésticos e animais dos campos e das matas.

Um dia muito especial

Mas Deus não parou por aí. Ele estava muito inspirado.

Tudo estava pronto. A casa estava arrumada. Dava gosto de ver tanta beleza! Faltava, porém, a obra mais importante, a mais bonita, saída de dentro do coração de Deus: o homem e a mulher.

Muito feliz e cheio de um grande amor e carinho, Deus criou o homem e a mulher, seus verdadeiros amigos do peito, muito superiores a tudo o que já havia sido feito. Ele deu inteligência ao homem e à mulher. Deu-lhes o amor, a liberdade e grandes capacidades. Deu-lhes de tudo o que tinha, deu de coração, fazendo deles gente, suas criaturas mais queridas.

E mais: deu-lhes sua bênção, para sempre!

Deus não agüentava de tanta alegria!

"Tomem conta de tudo!"

"Tudo isso é para vocês, tomem conta, cuidem bem de tudo", disse Deus, mostrando-lhes a terra, as plantas, as aves e os animais. "Não vai faltar nada a vocês, aos seus filhos e netos. Podem encher a casa de gente. Há lugar para todo mundo!"

Um mundo abençoado e amado por Deus, dado de presente ao homem e à mulher. Deus tem cada idéia maravilhosa!

Quando viu o que tinha criado, Deus sorriu, satisfeito. Estava supercontente!

Aí, então, depois de tanto trabalho e de tanta emoção, Deus resolveu descansar um pouco. Passou um dia inteirinho descansando: o sétimo dia. Que alegria, ver tanta coisa bonita. Ouvir o canto dos pássaros, o barulho do vento e das ondas; contemplar o verde, o sol, a lua e as estrelas; admirar-se pelo homem e pela mulher, seus preferidos.

Histórias de ontem e de hoje

Lá no exílio da Babilônia, quando tudo parecia perdido, foi contada esta história. É Palavra de Deus que traz luz, alegria e esperança para o seu povo.

Cada povo possui seu jeito próprio de contar suas histórias e de transmitir suas mensagens, de acordo com o seu modo de pensar e seus conhecimentos. Não devemos ficar presos às palavras, pois o importante é o recado transmitido: recado de Deus ao seu povo.

O jeito de contar é simples: no primeiro dia, Deus cria a luz, mas o sol só vai ser criado no quarto dia. Não importa! Este não é um livro de ciência nem de história. É mais um poema, uma oração, um ato de fé.

Deus é apresentado de forma muito humana: ele fica alegre, depois fica cansado de tanto trabalho, depois descansa no sétimo dia. É que o sétimo dia já era para o povo um dia de descanso, um dia abençoado, consagrado ao Senhor.

Tanto tempo se passou e a mensagem, aqui apresentada, não envelhece. Sempre é tempo de refletir sobre a vontade de Deus e o seu plano. Sempre é tempo de reconhecer seu amor, sua bondade; de agradecer pela sua bênção. Sempre é tempo de descobrir o que estamos fazendo neste mundo, de considerar o valor e a dignidade do homem e da mulher. Sempre é tempo de recordar estas lições, que os antigos já conheciam...

Sempre é tempo de levantar a cabeça! (Dimas)

Um rosto talhado na pedra

O Novo Testamento fala da necessidade de construir um novo céu e uma nova terra. Sem dúvida, homens e mulheres como Geraldo e os seus companheiros são construtores desta nova sociedade.

O senhor Geraldo pode ser considerado um membro típico das comunidades da Baixada. Nascido há 42 anos no Estado do Espírito Santo, com 20 anos de idade veio para o Rio de Janeiro, procurando melhorar a vida. Casou e teve 3 filhos; o mais velho está agora com 13 anos.

Amigo entre amigos - Durante os últimos 15 anos, Geraldo foi empregado na firma Tintas Superior S/A. na função de motofista da diretoria. Durante um longo período ele morou num apartamento em Jacarepaguá, mas 3 anos atrás resolveu mudar para a Baixada, tendo conseguido comprar uma casa na Vila S.José, perto de Vilar dos Teles. Embora a casa dele seja modesta, há um bonito quintal com flores, roseiras e algumas plantas de frutas. Ele declara que não considera nada disso como exclusivamente seu; por isso, gosta de dar frutos a quem os pedir. Quando o muro ao redor de sua casa desmoronou, Geraldo não construiu outro. Ele afirma que a sua proteção é a amizade com os vizinhos.

Na Baixada, a vida de Geraldo mudou muito: ele se reencontrou com o povo de seu tempo de roça; fez amizade com todos, bem diferente da época de sua vida no apartamento, quando não conhecia ninguém.

A vida dele mudou, também, de outras maneiras. Geraldo sempre havia participado da Igreja, mas não tinha consciência das leis que governam a nossa sociedade capitalista. Por causa do seu envolvimento na comunidade local de S.José, foi escolhido para ser ministro da Eucaristia e foi através de seu engajamento na comunidade e na Pastoral Operária que adquiriu uma outra visão do mundo. Descobriu as razões pelas quais tantas pessoas são destinadas a viver e a morrer sem nunca ter uma oportunidade para se desenvolver como gente!

Demitido - Na firma, onde trabalhava, a maioria dos empregados era inscrita no Sindicato de Tintas e Vernizes. O Sindicato foi governado, durante 25 anos, pelo mesmo presidente: na época do reajuste salarial nunca comunicava aos filiados o que estava sendo negociado; os acordos sempre eram feitos entre ele e os patrões. Os trabalhadores nunca eram chamados para dar sua opinião sobre aquilo que estava sendo negociado e decidido. Nas últimas eleições do Sindicato, Geraldo apoiou abertamente a chapa da oposição, que saiu vitoriosa. Logo em seguida veio o Plano Collor.

A firma convocou uma reunião dos operários e avisou que eles teriam que aceitar uma redução de seus salários; caso contrário, 40% seriam demitidos. A proposta da firma foi recusada; seis empregados foram demitidos, inclusive o Geraldo.

Pastoral da esperança

As pessoas, que integram o grupo da Pastoral da Esperança, têm a missão de ser presença de Igreja junto a aqueles que perderam um ente querido.

Quando morre alguém de casa, as famílias normalmente ficam desorientadas, a começar pelo preço dos funerais, que estão muito caros: não há tabela e as funerárias cobram o que querem.

O nosso trabalho visa ajudar com uma presença ami-



... mas homens e cristãos, como Geraldo, não se entregam!

Ele não tem dúvidas de que foram demitidos devido ao engajamento na luta sindical. O Sindicato convocou uma greve em protesto contra as demissões, mas Geraldo e demais demitidos sentem que, se forem readmitidos, não terão mais ambiente para trabalhar na firma.

E, agora, qual é a reação de Geraldo dentro de tudo isso? Ele está preocupado com o seu futuro, mas se sente em paz consigo mesmo e com a consciência tranquila. Não está arrependido daquilo que fez e, se fosse necessário, voltaria a agir da mesma maneira. Agiu dessa forma devido à sua fé no Evangelho e na pessoa de Cristo; sentiu e sente a obrigação de tomar sempre uma posição em favor dos mais fracos, quer no trabalho, quer no bairro onde ele mora.

Preocupado, mas sereno - Olhando o rosto de Geraldo, sinto nele uma serenidade profunda e, ao mesmo tempo, uma força inquebrantável. O seu rosto parece-me talhado na pedra. Faz-me lembrar uma passagem do Antigo Testamento:

"O Senhor me deu a capacidade de falar como discípulo, para que eu saiba ajudar os desanimados com uma palavra de coragem. Toda manhã Ele faz meus ouvidos ficarem atentos para que eu possa ouvir como discípulo. O Senhor abriu meus ouvidos e eu não fiz resistência nem recuei... O Senhor me ajuda; por isso, não me sinto humilhado; endureço o meu rosto como pedra, porque sei que não vou me sentir fracassado. Ao meu lado está Aquele que me defende" (Is50). (Bernardo C.).

ga, feita de oração, apoio, esclarecimento e acompanhamento nas práticas burocráticas...

Tudo é mais fácil quando somos solicitados.

A verdade é que todos somos chamados a lutar pela vida. No contato com a morte, descobrimos que podemos plantar muitas sementes de vida.

Convite - O grupo da Pastoral da Esperança convida pessoas de todas as paróquias para participarem de uma reunião no dia 15 de julho, às 15 horas, no prédio ao lado da Catedral de S. Antônio em Caxias. Para informações, procurar o coordenador Humberto.

PILAR

NA VIDA
DAS
COMUNIDADES

Refletindo sobre o BATISMO

"Mergulhados em Deus e na comunidade"

Dom Aloísio Lorscheider, cardeal-arcebispo de Fortaleza, CE, quando passou entre nós depois da Assembléia dos Bispos em Itaici, SP, além de dar a PILAR uma longa entrevista, publicada em parte no número passado, sabendo que as comunidades de nossa Diocese estão trabalhando muito na pastoral do Batismo, deixou esta reflexão para nós.

A nossa ação pastoral, que deve ser sempre a evangelização da realidade em que estamos inseridos, não pode ser assistencialista. A Igreja não está aí para oferecer assistência religiosa à sociedade. Ela não é que nem um supermercado, onde é possível adquirir todo tipo de objeto religioso. Ela é, isto sim, a comunidade dos discípulos de Jesus. Ela é a comunidade dos seguidores de Jesus. É a comunidade daqueles que se comprometeram com Jesus e com a Sua causa. A Igreja é essencialmente comunhão-comunidade. Por que?

A Igreja nasce do batismo

A Igreja é, no mundo, o eco da comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Quando alguém é batizado, ele é mergulhado, é jogado dentro da comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A palavra "batizar" é de origem grega. Traduzida para o português ela significa "mergulhar", "jogar dentro". No Batismo somos mergulhados, imersos, na comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A Igreja é a comunidade batismal, a comunidade dos mergulhados no Pai, no Filho e no Espírito Santo.

O compromisso batismal

O batismo forma, pois, comunidade. Segue-se daí que traz para a gente o compromisso, a obrigação, de viver em comunidade e viver a comunidade.

O batismo compromete a gente a ser Igreja, a ser comunhão de Deus com os homens e dos homens entre si. Edificados quais pedras vivas sobre Cristo, que é a pedra angular, todos os batizados somos a raça eleita, o sacerdócio régio, o povo santo de Deus, para proclamar por toda a parte o Evangelho, a Boa-Nova de Deus (1 Pedro 2,4-9).

O batismo compromete cada cristão a ser apóstolo, a ser missionário da causa de Jesus. (Dom Aloísio L.).

ASSINE PILAR!

Fone: 771.9444 (de dia)

ou 771.5282 (à noite)

O que aconteceu 2000 anos atrás, entre Herodes e S. João Batista, continua até hoje. Um caso bem concreto: os que mandam não saem da tentação de agir por interesse próprio.

Herodes ameaça João Batista



Foi difícil e tenso o relacionamento da Paróquia S. João Batista com a Prefeitura de S. João de Meriti na programação e na preparação da festa do padroeiro. A festa, realizada na praça da Matriz, já é tradicional e histórica na cidade. É um ponto alto das festas juninas, muito comuns e bem populares em toda a Baixada Fluminense nesta época do ano. Além do lazer, das tradicionais barracas de comidas e bebidas, a festa tem um valor social muito grande, pois representa um ponto de encontro e de confraternização, principalmente dos jovens. Culturalmente é um espaço para shows, apresentações de grupos folclóricos, conjuntos musicais, danças típicas, quadrilhas, escolas de samba, valorizando principalmente os grupos locais. Isso tudo sem contar a importância financeira não só para a paróquia, mas também para outras entidades sociais.

Autoritarismo - Exatamente a organização dessa festa, com tudo o que ela representa em termos comunitários, sociais, pastorais e políticos, foi tensa e difícil. Primeiro, foi a dificuldade de se conseguir junto à prefeitura a autorização para a montagem do parque com brinquedos infantis. Depois, agravou-se com a presença, na praça, de uma Urna Gigante, numa carreta da Rede SBT de Televisão, autorizada pelo Presidente da Câmara dos Vereadores, disputando o mesmo espaço, no período em que estavam sendo montadas as barracas e o parque. A intervenção do Prefeito, sr. José Amorim, apresentou uma solução rápida e eficiente: "Retirem tudo até amanhã, senão eu passo a máquina e quebro tudo!". Como em outras ocasiões, esta é a atitude do prefeito que temos: autoritária, intransigente, personalista, fechada ao diálogo, repressiva, anti-popular.

Crítica à Igreja - O impasse foi solucionado numa reunião do Conselho Pastoral Paroquial com o Presidente da Câmara, vereador Paulo de Almeida. Foi uma reunião de emergência, solicitada pelo próprio vereador. Nela tudo veio às claras. A reunião foi um jogo de cartas marcadas. O senhor vereador veio para a reunião com autoridade e poderes, em nome do Executivo, para resolver e definir, uma vez por todas, o problema. A sua palavra seria a última. Logo apareceu evidente que a solução do problema já estava definida. A resistência da Prefeitura, ao pôr tantos obstáculos, estava esclarecida: a culpa é a prática pastoral da Igreja. O verdadeiro motivo da reunião não era a festa nem a organização do uso da praça, e sim o de ter uma oportunidade para criticar a prática, a ação e o discurso da Igreja. Segundo o vereador, não seria bem a Igreja, mas sim somente alguns membros ou um determinado padre. Queria com isso impor divisões e criar partidos também na Igreja, como bem o sabe fazer na sociedade.

O povo precisa de... - A Igreja questiona, critica abertamente atitudes e práticas do poder público, toma posições, está comprometida com o Movimento Popular, acredita numa política autêntica e honesta, tem palavras duras, fala verdades que doem, anuncia um projeto diferente, não comprometido com interesses

personais nem com o esquema de exploração e morte; também não age nas trevas da noite mas à luz do dia.

É bom lembrar que o vereador é candidato a deputado federal. Não seria isso estratégia de campanha? Não estaria querendo manipular politicamente a Igreja em benefício próprio? Nem todos, porém, entram na jogada dele! Já observaram que ele, ultimamente, resolve todos os problemas? Até mesmo aqueles pelos quais nem o prefeito tem solução! "Podem me procurar em meu gabinete, que eu atendo, eu resolvo, eu encaminho, eu assino, eu não tenho medo, eu...".

O povo não precisa de heróis: precisa de respeito e de justiça. Se ele é capaz de resolver todos os problemas, por que os desabrigados das enchentes de 1988 ainda continuam sem casa? Se ele se dedica tanto pela sua cidade, por que S. João ainda não tem hospital público? Foi por causa da prefeitura que o perdemos, quando já havia verba garantida para um hospital estadual! Se ele tem tanta preocupação para com as crianças, por que 30 mil crianças estão sem escola? E por que os professores, após 3 semanas de greve, ainda não receberam uma resposta satisfatória? Se ele recebe e atende a todos, por que as emendas populares para a Lei Orgânica Municipal não foram aceitas?

Missão da Igreja - A Igreja deve relacionar-se com o poder público soberanamente, dentro dos princípios da cidadania, da justiça, com dignidade e postura ética, e não na dependência, nem na troca de favores e muito menos na submissão. Respeito às autoridades constituídas não significa submissão, obediência às suas vontades nem concordância com todos os seus atos. Aquilo que é direito não pode ser mendigado como favor! Aquilo que é dever do poder público, os serviços sociais e urbanos, não devem ser negociados por interesses. O uso de lugares públicos é um direito dos cidadãos e grupos sociais e não um benefício concedido pelas autoridades.

A Igreja deve obediência unicamente ao Espírito Santo, e fidelidade ao Evangelho. A aliança da Igreja com os poderes políticos e econômicos do mundo sempre adulterou a Igreja, tornando-a infiel ao Evangelho e afastando-a dos prediletos de Jesus, que são os pobres, sujeitos históricos do Reino. "Ninguém pode servir a dois senhores, pois adiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro" (Mt 6,24). Ao contrário, a perseguição por causa da justiça é sinal de fidelidade ao Evangelho e ao próprio Jesus e impulsiona a Igreja, tornando-a mais missionária.

Aliás é bom lembrar que quem lançou João Batista no Acárcere foi o poder público constituído da época. E a causa da execução dele foram interesses pessoais (Mt 14,1-13). João não foi preso e morto porque era um marginal ou criminoso, mas por causa de suas palavras a respeito da conduta do Rei Herodes. Não fora isso, João teria morrido de doença ou de velhice! (Frei Atilio).

ANISTIA INTERNACIONAL VISITA BAIXADA

A Anistia Internacional é uma organização independente e apartidária, que conta com integrantes e simpatizantes de 60 países. Seu trabalho baseia-se na Declaração Universal dos Direitos Humanos, sendo seus principais objetivos a libertação de todos os presos por motivo de consciência (detidos devido à ideologia, cor, etnia, religião, etc.), a defesa de julgamentos justos e rápidos e a abolição da tortura e da pena de morte em todo o mundo.

Com o objetivo de coletar mais dados sobre a situação da violência na Baixada Fluminense, para pressionar as autoridades brasileiras na apuração de todos os casos de violação dos direitos humanos, a Anistia Internacional veio a Duque de Caxias no dia 16 de junho. Na ocasião, se reuniu na Catedral de Santo Antônio com representantes das entidades ligadas à luta pelos Direitos Humanos e aos Movimentos Populares, estando presente o bispo diocesano, dom Mauro Morelli.

O Centro de Defesa dos Direitos Humanos apresentou uma pesquisa feita nas delegacias de Caxias, provando que praticamente 90% dos crimes cometidos no município nem chegam a ter autoria conhecida. Mostrou ainda a preocupação com o insignificante número de processos, que chegam a ser concluídos. Outras pessoas relataram o medo da população frente à polícia, em grande parte envolvida com o extermínio, e a insegurança das testemunhas, uma vez que a maioria dos matadores goza de plena liberdade. Foi frisada, também, a grande incidência de homicídios de menores; existem, de fato, grupos específicos de extermínio de crianças e adolescentes para "limpar a rua".



O Vice-Presidente da Anistia Internacional, o senegalês Bacr Waly Ndiaye, e a secretária do Departamento Brasil da Anistia em Londres, a inglesa Trícia Feeny, ficaram impressionados com os relatos e demonstraram grande interesse em pressionar, de todas as formas possíveis, para que os casos a eles denunciados tenham uma efetiva conclusão.

Da reunião ficou a certeza de que a violência ocorrida em um país ou localidade não deve ser preocupação apenas dos que são por ela atingidos. Hoje é um local, amanhã poderá ser um outro. O importante é que se fortaleça a união e a solidariedade de todos aqueles que, no mundo inteiro, não aceitam a situação de opressão do ser humano e lutam por justiça.

De Caxias os representantes da Anistia viajaram a São Paulo, onde lançaram, no dia 18 de junho, simultaneamente com outros 43 países, o Relatório sobre a tortura e a violação dos direitos humanos no Brasil. Neste relatório consta que a violência na Baixada Fluminense e no ABC Paulista mata 6 vezes mais que a guerra civil no Líbano e que a metade dos membros dos esquadrões da morte do Rio de Janeiro são policiais. Este documento é o primeiro passo de uma mobilização internacional contra as arbitrariedades policiais e dos esquadrões da morte no Brasil. (Marli da Silva Paulo, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos "João Cândido").

Um pouco de história da Baixada: a memória do passado ilumina o presente e incentiva a luta.

LUTA PELA TERRA (3)

Na época de 50, em Xerém, pelo fato que grande parte da terra havia sido abandonada por seus proprietários, a titulação apresentava-se confusa: assim, com muita frequência, antigos e novos proprietários, e sobretudo grileiros, eram induzidos a reivindicar a propriedade das terras, inclusive de áreas públicas. Articulados com lideranças políticas locais, os grileiros tinham acesso ao aparelho burocrático municipal e ao poder político estadual. A grilagem era praticada também por proprietários, que pretendiam aumentar suas áreas.

Pagando renda - Nesta época, contudo, aconteceu uma significativa instalação de trabalhadores rurais. Expulsos de outras regiões do Estado ou do País, muitas vezes já tendo passado um tempo na área urbana, os trabalhadores tinham uma opção na área rural de Duque de Caxias. Encontrando-se grande parte das áreas controlada por grileiros, muitos trabalhadores se instalaram através dos próprios grileiros ou de seus capatazes, pagando-lhes uma renda de sua produção de lavoura, de lenha ou de carvão. Também os posseiros instalados na área há mais tempo foram obrigados a pagar uma renda para sua permanência: isto significava reconhecer os grileiros como legítimos proprietários, enfraquecendo a possibilidade de os posseiros provarem a legalidade de sua posse. Os grileiros preferiam que os trabalhadores se instalassem como carvoeiros; desta maneira, ficava mais difícil para os lavradores provarem sua posse do que plantando lavoura.

Confrontação e despejos - Mas aos poucos os trabalhadores rurais foram se organizando. Posseiros, carvoeiros e lavradores passaram a reivindicar a posse da terra e começaram a não querer mais pagar renda alguma aos grileiros.

Começaram os confrontos. Lembramos alguns, a título de exemplo.

Em 1962, na fazenda Barro Branco, no distrito de Imbariê, umas 250 famílias de trabalhadores rurais, que lá viviam há mais de 10 anos, passaram a ser ameaçadas por uma sociedade "composta quase que totalmente por oficiais", que tentavam vender a área a um terceiro, que exigiu que a terra lhe fosse entregue livre de qualquer ônus e desocupada. Membros do Exército chegaram a acampar na área para pressionar e despejar os lavradores. Estes, mobilizados e apoiados pela Associação dos Lavradores de Duque de Caxias, resistiram a esta e a diversas outras tentativas de expulsão. Acabaram, porém, sendo expulsos depois do golpe militar de 1964.

Em 1963, centenas de trabalhadores rurais da fazenda Anilina começaram a não querer pagar mais a renda a um encarregado dos grileiros. Conseguiram resistir por bastante tempo; depois foram expulsos um por um, a começar por aqueles que participavam da Associação dos Lavradores de Duque de Caxias.

Organização e estratégias - O ano de 1952 é considerado por trabalhadores rurais de Xerém como o início de uma maior articulação dos grileiros e de uma forte onda de pressões e de violentos despejos. Afirmam isso ao constatar que, após a expulsão dos trabalhadores rurais da Fazenda S. Lourenço, a moda pegou em muitas outras fazendas próximas, como Piranema, Capivari, Penha-Caixaão.

Ao mesmo tempo, crescia a organização dos trabalhadores rurais da região de Xerém. Na década de 40 foi criada uma Comissão de Lavradores, a partir da qual se organizou a Associação dos Lavradores Fluminenses (ALF), registrada em 1952. Era a primeira organização camponesa do Estado do Rio, mas suas lideranças eram praticamente só de Duque de Caxias. (Lígia Dabul, em Cadernos do CEDI n. 17 = continua no próximo número).

A Ação Social Paulo VI (ASPAS) é um instrumento da Igreja Católica em Duque de Caxias e São João de Meriti para a caminhada do povo na fraternidade, na conquista da justiça social e na prática da solidariedade.

Publicamos a Carta de Intenções da ASPAS, preparada após a assembléia realizada em março passado.

CAMINHOS DE LIBERTAÇÃO



Um momento da assembléia da ASPAS...

A ASPAS está ao serviço do povo da Baixada Fluminense; quer se fazer disponível a todos que, sem discriminação alguma, aceitem ou solicitem sua solidariedade e seus serviços.

Do mesmo modo, encontra-se aberta à colaboração de pessoas de boa vontade, sem discriminação de crença ou credo, desde que atuem dentro dos objetivos da ASPAS na realização de sua função social.

Função social da Igreja - A função social da Igreja, conforme Isaías citado por Lucas: "O Espírito do Senhor... me ungiu para evangelizar os pobres; enviou-me para anunciar aos aprisionados a libertação, aos cegos a recuperação da vista, para pôr em liberdade os oprimidos e para anunciar um ano de graça do Senhor" (Lc 4,17-19), é a de buscar os caminhos da libertação. Significa exercer um compromisso claro e inequívoco diante das estruturas sociais iníquas, que desfiguram a imagem e semelhança de Deus nas pessoas humanas. A ASPAS, portanto, tem o compromisso de ANUNCIAR o homem feito à imagem e semelhança de Deus; DENUNCIAR toda a deturpação que a sociedade vem fazendo desta imagem, e ANIMAR a luta de libertação do povo em direção ao Reino de Deus.

As Obras Sociais, realizadas pela ASPAS de forma supletiva à ação dos órgãos públicos competentes, visam denunciar os descasos e desrespeitos com os quais são tratados os trabalhadores e seus familiares, que moram na Baixada Fluminense. Ao mesmo tempo, elas querem ter um caráter profético, de anúncio de como tais ações, na área da saúde, da educação e demais, devem ser encaminhadas, tendo em vista os caminhos da libertação.

O carisma institucional - Diz São Paulo que "há diversidade de dons, mas um mesmo é o Espírito; há diversidade de ministérios, mas um mesmo é o Senhor; há diferentes atividades, mas um mesmo é Deus que realiza todas as coisas em todos" (1 Cor 12,4). Assim como o corpo que, apesar da complexidade e da diversidade de seus membros, forma uma unidade, a ASPAS deve, dentro da diversidade de cada uma de suas obras, buscar cada vez mais a unidade, responsabilizando-se cada funcionário pelo conjunto da obra e cada obra pelo conjunto todo da ASPAS, respeitando-se a autonomia e o carisma de cada entidade.

Para isso é importante que cada obra conheça o que

fazem as outras, através de visitas, boletins informativos, intercâmbio de materiais, encontro por grupos de interesse e novos encontros de toda a ASPAS. Esse trabalho é coordenado por uma equipe em conjunto com a diretoria.

A organização - A administração da função social exercida pela ASPAS e de seu carisma institucional se dá a partir de sua organização estatutária. Em conformidade com a realidade de cada uma das entidades filiadas à ASPAS é desejável que essa organização possibilite ao máximo a participação de todos e a construção de uma prática de gestão comum em cada obra de modo que se tornem sujeitos de transformação, a partir da ASPAS, visando a transformação de toda a sociedade.

Relação entre empregados e empregadores - Como o papel da ASPAS se situa no compromisso de construção de novas relações entre as pessoas, cada uma das entidades que a compõem, dentro de seu espaço e do seu jeito, participam desse papel de construir relações que sirvam de base a uma sociedade mais justa e mais fraterna.

Ao contrário das relações capitalistas do trabalho, que privilegiam a produção de objetos, o lucro sobre as pessoas e o poder do patrão sobre o trabalhador, as relações na ASPAS devem privilegiar as pessoas sobre todas as coisas. Mas como estamos formados dentro de um mundo capitalista, é necessário que ativemos um processo de auto-educação, de crescimento e de busca da gestão comum, da discussão e da decisão coletiva, capaz de gerar essas novas relações. Neste processo é muito importante que cada grupo se auto-avale com clareza e transparência diante da função social que deve ser cumprido pela ASPAS e diante de seus carismas.

Assim, os empregados da ASPAS serão escolhidos entre as pessoas que, além da competência profissional para a função a ser exercida, demonstrem abertura e disponibilidade na concretização dessas linhas de trabalho.

Às diretorias das entidades da ASPAS, inseridas nesse processo de construção da justiça, da fraternidade e da solidariedade, cabe igualmente a tarefa de buscar uma transformação radical em sua relação com a obra e com o seu quadro de colaboradores.

A FICHA DO BRASIL

Para quem gosta de números e, atrás deles, sabe enxergar vida e morte, desafios e estímulos para a luta.

O Brasil é o 5º país do mundo em extensão territorial, o 6º em população (141 milhões e 400 mil habitantes) e figura entre os 10 países mais beneficiados por recursos naturais.

73,6% dos brasileiros vivem em cidades e 36,4% residem na zona rural.

Somos a 8ª economia do bloco capitalista e possuímos o 10º PIB (Produto Interno Bruto) do mundo.

Entre os anos 40 e 70, o Brasil cresceu a uma média de 7% ao ano. Nos anos 80, 2%. Mas está situado como o 52º PIB per capita do mundo, igual ao do Senegal (África) e abaixo da Malásia (Ásia). Segundo um relatório do Banco Mundial, no Brasil de 1988, os 20% mais pobres recebiam apenas 2% da renda nacional, enquanto os 10% mais ricos recebiam 50,6%.

O nosso país é o 1º exportador mundial de açúcar, café e soja; o 2º em minério de ferro; o 3º em aço; o 8º em carros e material de guerra. E importamos apenas 6% do valor do nosso PIB, o que é considerado um índice excelente. Metade dos domicílios possuem luz elétrica e 70% dispõem de água encanada. A rede de esgotos beneficia menos de 15% das moradias. 52,8% dos trabalhadores brasileiros ganham até 2 salários mínimos e somente 38,8% têm carteira assinada. O salário mínimo brasileiro é dos menores da América Latina.

Da população maior de 15 anos, 20% são analfabetos e 10% concluíram o 1º grau. Em educação, somos a 74ª nação do mundo, abaixo da Tunísia (África). O nível argentino é 7 vezes maior do que o nosso. 20 milhões de brasileiros não sabem ler nem escrever. Nosso consumo de papel jornal - utilizado pela ONU (Organizações das Nações Unidas) para medir o nível cultural de um país - caiu de 2.270 quilos por habitante, em 1970, para 2.027 em 1983, abaixo da Líbia (África), da Mongólia (Ásia), do Peru (América Latina) e da Bulgária (Europa). O consumo norte-americano de papel é de 45.675 quilos, 22 vezes maior do que o brasileiro. O índice de analfabetismo do Brasil em 1989 era semelhante ao dos Estados Unidos em 1889. Em nosso país, só 15% dos adolescentes freqüentam a escola, enquanto no Vietnã (Ásia) o índice sobe para 44%.

Em 1960, havia no Brasil 320 bancos privados; em 1986, restavam 46. Em 1988, o lucro bruto dos 8 maiores bancos privados nacionais somava 27 bilhões e 400 milhões de cruzeiros, equivalente a tudo que foi produzido no País naquele ano. 1,7% das empresas (públicas, privadas e multinacionais) monopoliza mais da metade de todo o mercado industrial brasileiro. Estão sob o controle do capital privado monopolista e oligopolista as indústrias automobilísticas, de higiene e limpeza, plásticos e borracha, autopeças, bebida e fumo, informática e distribuição de petróleo e derivados.

Na zona rural, 10% dos proprietários detém cerca de 79% da área total. Há 12 milhões de trabalhadores sem terra e, entre 1987 e 1989, houve 2.028 conflitos no campo e foram mortas 322 pessoas na luta pela terra. Em 1989, 10 índios foram assassinados, 57 foram vítimas pela violência policial e 870 contraíram epidemias próprias dos brancos. Entre 1984 e 1989 foram assassinadas, somente no Rio de Janeiro, 1.081 crianças, sendo que 894 por armas de fogo.

Em tempo: os banqueiros internacionais exigem que o Governo Collor pague, ainda este ano, os juros da dívida externa no valor de 5 bilhões e 600 milhões de dólares! (frei Betto).

"FALA, MULHER!"

No ano de 1986, a Comissão de Mulheres do MUB, junto com outras entidades do movimento popular de Duque de Caxias, organizou o 1º Encontro de mulheres do município. A participação foi grande: 200 mulheres, por um dia inteiro, compartilharam experiências, apresentaram suas reivindicações, desejos e conquistas.

No encontro, chamado "Fala, Mulher!", teve início o dossiê Caxias, quando relatos de gestantes e parturientes de um curso de gestantes no Sub-Posto de Saracuruna, foram colocados em plenário. Tornaram-se públicos os maus-tratos por parte de Casas de Saúde conveniadas com o INAMPS.

Obtivemos significativas vitórias. A imprensa divulgou, a sociedade tomou conhecimento. Entregamos o documento às autoridades e cobramos intervenção. Uma Casa de Saúde, onde haviam morrido crianças e bebês, foi fechada. Abriu-se um inquérito.

A luta continuou. Como é de conhecimento geral, várias mulheres estão, já há algum tempo, lutando no município: divididas em sub-grupos, nas diversas associações de moradores, reivindicam melhorias para os seus bairros, como saneamento básico, educação, saúde, transporte, posse da terra.

A partir do encontro das mulheres, a luta se intensificou. Nos bairros, passaram a ser discutidos cada vez mais a situação e o papel das mulheres.



Hoje, organizamos vários debates sobre a saúde da mulher. Iniciamos um aprofundamento sobre a violência doméstica. Trabalhamos em conjunto com a Delegacia de Mulheres de Duque de Caxias e reunimos com mais força e organização nos encontros de mulheres da Baixada Fluminense. Com tudo isso, pretendemos concretizar um sonho: a Casa da Mulher.

Ela constituirá um espaço maior de reflexão; um lugar amplo para implementação de cursos, acompanhando todas as fases da vida da mulher, e muitas outras atividades. Chegaremos também a construir uma maternidade-módulo, administrada pelo conjunto do movimento organizado.

A luta é pela vida. (Mulheres do MUB).

Enquanto a esquerda briga...

Um grupo de empresários brasileiros organizou, de março a maio deste ano, uma série de seminários. A finalidade foi a de oferecer à direita do País conhecimentos mais adequados no tratamento da esquerda, que deu uma incrível demonstração de força nas últimas eleições presidenciais.

Os seminários foram planejados para responder a algumas grandes perguntas: como evitar a esquerda no poder? Como neutralizar a ação da Igreja quando ela dá o seu apoio explícito ao projeto socialista? Quais caminhos políticos os empresários devem percorrer para impedir o fortalecimento das organizações populares?

Os encontros, de 2 dias, foram organizados nas principais cidades do Brasil e eram oferecidos a empresários e executivos ao preço de Cr\$ 50.000,00 por pessoa, almoço incluído. Na nossa diocese, pelo mesmo valor, oferecemos um fim-de-semana no S.Bento, para um grupo de 60 pessoas! (Jotaeme).

CARTA ABERTA

ao Exmo. Sr. Governador Moreira Franco, ao Exmo. Desembargador Presidente do Tribunal de Justiça e ao Exmo. Sr. Presidente da Assembléia Legislativa do Estado de Rio de Janeiro.

O relaxamento da prisão de 4 assassinos de João Antônio dos Santos pelo Juiz Rubens Medeiros, do Tribunal do Júri, causou indignação e revolta ao povo de Duque de Caxias.

Trata-se de mais um ato, que vem consagrar a impunidade daqueles que integram os chamados "grupos de extermínio", que agem como bandos organizados, desrespeitando todos os valores éticos e morais do povo e imprimindo em nossas cidades um cotidiano de violência e de morte.

José Lino Gomes, Walter da Rocha Quitério, José Francisco de Andrade e Evandro dos Santos Santana figuram em muitas listas de integrantes de grupos de extermínio, divulgadas pela imprensa. Foram pronunciados pelo Juiz Rubens Medeiros que, por estar convencido de que eles mataram José Antônio dos Santos por motivo torpe e de forma cruel (com muitos tiros de arma de fogo), determinou que fossem submetidos a julgamento pelo Tribunal do Júri.

Porém, embora certo da periculosidade dos assassinos, o Juiz Rubens Medeiros entendeu que deveria soltá-los, para que fossem julgados em liberdade.

Pouco importa a segurança das testemunhas que, corajosamente, colaboraram para a elucidação do crime; pouco importa a família da vítima, que já perdeu dois membros em consequência da atuação criminosa dos quatro homicidas; pouco importa a comunidade de Duque de Caxias, que confiava na ação da autoridade judiciária. O Juiz Rubens Medeiros releva tais considerações e libera os assassinos para que voltem às ruas...

Esta carta tem por objetivo obter do Governador Moreira Franco uma ação enérgica no combate ao crime organizado no Rio de Janeiro, que desenvolve sua ação escabrosa especialmente na Baixada Fluminense, Volta Redonda e Barra Mansa.

As Entidades de Defesa dos Direitos Humanos, que constituem o Fórum Permanente contra a Violência, estão dispostas a travar uma luta sem trégua para pôr fim à violência em nosso Estado, restabelecendo a cidadania do nosso povo.

Duque de Caxias, 17 de junho de 1990

Entidades integrantes do Fórum contra a Violência.

Aposentados lutam

A Associação de Aposentados e Pensionistas da Previdência Social em S.João de Meriti comemorou, nestes dias, o seu primeiro ano de existência.

Evidentemente, trata-se de uma associação ainda nova, que nem tem sede própria (ela se reúne na sede da ABM, em Vilar dos Teles) e, menos ainda, dispõe de recursos financeiros que lhe permitam oferecer aos seus associados alguns dos benefícios que a sociedade nega, de forma sistemática, a todo aposentado.

No entanto, apesar dos recursos serem poucos e das dificuldades serem inúmeras, a organização congrega hoje cerca de 300 pessoas e se constitui, dentro do Município de S.João, no mais importante fórum de discussão de todos os problemas que envolvem o trabalhador que passou para a reserva, um segmento importante da sociedade, que sempre é discriminado e esquecido por todo poder público. (Jotaeme).

Justiça, paz e integridade da criação

O movimento ecumênico mundial está cada vez mais atento às grandes necessidades de toda a humanidade e luta por questões sérias e concretas. Todo cristão deve se sentir comprometido nisso.

O movimento ecumênico tem sido sempre sensível aos grandes desafios da conjuntura mundial. A própria formação do Conselho Mundial das Igrejas foi uma resposta, não só às necessidades eclesiais, mas sobretudo à problemática da construção de uma sociedade sem guerras e sem destruições.

Em 1983, em Vancouver (Canadá), na sua 6ª Assembléia, os representantes das Igrejas sentiram que era urgente a participação do movimento ecumênico no enfrentamento decisivo de três dramáticas realidades: o crescimento de situações de injustiça no mundo (exemplo: o aumento da pobreza e da miséria), a impossibilidade de uma paz duradoura enquanto existirem as atuais situações de desigualdade e de opressão, e a louca destruição da natureza.



Os cristãos de todo o mundo cada vez mais unidos pela justiça.

Foi criado, assim, o grande lema para o movimento ecumênico: Justiça, Paz e Integridade da Criação.

Em Seul (Coreia do Sul), em março de 1990, após este processo de trabalho ter atingido, em várias etapas, as características regionais, viveu-se um grande momento. A assembléia foi uma convocatória mundial para estimular ações e reafirmar compromissos, com a esperança de que todas as Igrejas, sobretudo a Igreja Católica Romana com a força que possui, se comprometam para maiores realizações. Nesta assembléia de Seul, houve três linhas de convocação geral.

Afirmou-se, em primeiro lugar, que todas as formas de poder estão sujeitas a Deus e são responsáveis perante o povo; que Deus fez opção pelos pobres; que todas as nações e povos são iguais; que há igualdade entre homem e mulher, e que a criação é amada por Deus.

Em segundo lugar, foram tomados compromissos na base de 4 grandes temas: a busca de uma nova ordem econômica internacional e a libertação dos efeitos da dívida externa; a queda do militarismo e da violência; a preservação da natureza, e a erradicação do racismo e de todas as formas de discriminação.

E, finalmente, para que a convocatória se transformasse em caminhos concretos de ação, estabeleceram-se pactos de ação conjunta entre Igrejas e grupos de países diferentes frente a questões comuns.

Não faltou, portanto, ousadia para enxergar e delinear compromissos; precisamos todos nos comprometer com coragem nesta caminhada mundial de luta pela vida. (J.P.R.).

Itália

Sem medo e sem privilégios

"Não cederemos. A Igreja não pode trair seus princípios!". Assim inicia uma declaração, assinada pelo bispo de Locri, no sul da Itália, por 185 padres e 234 religiosos e religiosas, em repúdio aos repetidos crimes da "La Drangheta", uma das mais ferozes associações da máfia italiana. Para vingar-se de todos os que não aceitam pagar-lhe o "imposto mafioso", "La Drangheta" ataca sistematicamente comerciantes, empresários, conventos, paróquias e escolas. Não escapou nem a residência do bispo, assaltada há poucas semanas: nela descarregaram 5 bombas e centenas de balas de metralhadora.

As autoridades italianas ofereceram escolta ao bispo e aos religiosos, mas eles recusaram porque seria "uma vergonha e uma derrota para uma sociedade que se define civil". Explicando a recusa de proteção, o bispo perguntou: "Será que um cidadão qualquer pode contar com escolta? Por que nós deveríamos ser privilegiados?".

A coragem da Igreja está ajudando a população a vencer o medo e a denunciar os criminosos, promovendo uma verdadeira revolução que nasce do que eles chamam "teologia da libertação da máfia". (SF).

Chile

Fossas clandestinas

Em Pisagua, norte do Chile, por iniciativa do advogado Hector Salazar, foi iniciado o trabalho de escavação de fossas clandestinas onde estariam, segundo denúncias ainda não comprovadas, os cadáveres de centenas de presos políticos executados durante os anos da ditadura de Pinochet.

Repetindo a vergonha de seus companheiros de farda argentinos, também o ex-presidente do Chile poderá ser intimado a comparecer diante dos tribunais: esclarecer a responsabilidade do seu governo a respeito da eliminação dos opositores do regime militar.

O Ministro da Defesa chileno, Patricio Rojas, comprometeu-se oficialmente a dar esclarecimentos à população sobre o resultado das investigações. É evidente que, dentro de um sério compromisso com a verdade, o novo governo do Chile deve mostrar, ao mundo inteiro, a sua disposição de tomar as distâncias de um período de terror e de impunidade, que teve no próprio presidente Augusto Pinochet o seu símbolo mais ilustre e o seu defensor mais cínico. (Jotaeme).

México

São Juan Diego

Por ocasião de sua visita ao México, em maio passado, o papa João Paulo II declarou santo Juan Diego, o índio que viu Nossa Senhora de Guadalupe.

O acontecimento se reveste de um sentido muito especial porque propõe ao povo mexicano, em particular à Igreja, a questão da marginalização de 23,5 milhões de índios, primeiros habitantes daquela região.



S. Juan Diego e N.S. de Guadalupe

A própria mensagem de Guadalupe, que tem um profundo sentido em favor dos índios pobres e oprimidos, foi em grande parte manipulada pelos brancos.

Se Juan Diego, agora declarado santo, conservar sua identidade, poderá transmitir à celebração dos 500 anos da "descoberta-evangelização" uma forte inspiração popular e libertadora. (SF).

Cuba

Igrejas contra a TV Martí

O presidente do Conselho Ecumênico de Cuba (CEC), reverendo Raúl Suárez, condenou a decisão do Governo dos Estados Unidos de iniciar as transmissões da Televisão Martí em território cubano, por violar a soberania cubana e por gerar conflitos.

O CEC remeteu uma carta à Igrejas dos Estados Unidos, pedindo solidariedade no sentido de solicitar ao Governo de Washington que encerre o mencionado projeto televisivo.

O império capitalista continua se metendo em todo lugar, pouco ligando com a liberdade e a dignidade alheia! (SF).

EL ARTURO, O CAMPEÃO DO MURO e a Teologia da Libertação



Colaboração de SEM FRONTEIRAS - a revista missionária do Brasil - Cx.P. 55 - 06751 TABOÃO DA SERRA, SP - Fone: (011) 843.1221